



## Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo  
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Maria Graciele de Lima<sup>1</sup>

### Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila

From the Soul that Inhabits and is Inhabited:  
a Reading on the Poem *Búscate in Mí* by Teresa of Avila

---

#### Resumo:

A Idade Média legou ao Ocidente muitos valores que permanecem até os dias atuais. A cristandade foi um deles, caminhando por meio das suas mais variadas expressões, dentre elas, a mística. Partindo dessa constatação, este artigo tem como objetivo oferecer uma leitura do poema intitulado *Búscate en Mí*, escrito por Teresa d'Ávila, demonstrando, a partir de algumas de suas escolhas estéticas, expressões relacionadas à teologia mística e tratando de alguns elementos próprios dos escritos deixados por mulheres representantes da mística ocidental cristã de origem medieval. Para tanto, será realizado um diálogo com apontamentos de Regine Pernoud (1997), Le Goff (2010), Lieve Troch (2013) e William Johnston (1996), além de outros estudiosos, a fim de enriquecer as possibilidades de compreensão da poesia teresiana, considerando o contexto de sua escritura.

#### Palavras-chave:

Poesia; Teresa d'Ávila; Idade Média.

#### Abstract:

Middle Ages have left to the Western world many values that remain until the present days. Christendom was one of them, going through its most varied expressions, among them, the mysticism. Based on this finding, this article aims to offer a reading of the poem entitled *Búscate en Mí*, written by Teresa of Avila, demonstrating, from some of its aesthetic choices, expressions related to mystical theology and dealing with some elements specific to the writings by women representatives of the Christian Western mysticism of medieval origin. To that end, a dialogue will be made with notes by Regine Pernoud (1997), Le Goff (2010), Lieve Troch (2013) and William Johnston (1996), in addition to other scholars in order to enrich the possibilities of understanding Teresian poetry, considering the context of her writing.

#### Keywords:

Poetry; Teresa of Avila; Middle Ages.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação da Professora Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. E-mail: gracieledelima@rocketmail.com.

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

## 1. Introdução

O período da história ocidental ao qual se denomina como “Idade Média” constituiu-se como um rico momento de construção de valores, muitos dos quais permaneceram atuantes, especialmente nas sociedades europeias que viveram no início da Modernidade. Dentre esses valores, encontram-se a família e a cristandade que, sob diversas expressões, caminham até os dias atuais. É ainda o período da história do Cristianismo em que ocorre a formação da chamada “mística”, como resultado da junção entre conhecimentos cultivados nas chamadas escolas místicas iniciáticas<sup>2</sup>, que remontam ao Antigo Egito e à Grécia, e as experiências com o sagrado que deram origem a diversos relatos e narrativas formadores da literatura mística cristã<sup>3</sup>.

Por causa dos mencionados valores, muitos grupos se formaram, entre eles, as ordens religiosas e os movimentos cristãos dos que desejavam experimentar a vida religiosa, mas não podiam estar dentro das congregações regidas pela Igreja de Roma, por motivos os mais variados. Esse era o caso das beguinhas e dos begardos, além de inúmeros outros grupos que surgiram no Medievo.

No caso das ordens religiosas tradicionais, muitas foram instituídas ou reformadas e abrigaram homens e mulheres que possuíam diversos interesses capazes de fazê-los ingressar em tais comunidades. Tais interesses variavam desde o desejo de fugir às obrigações que um casamento exigiria, ou de adquirir mais liberdade para o exercício intelectual, até à aspiração por uma ascese espiritual.

Dentro desse cenário, chega-se ao chamado “Siglo de Oro” espanhol, época em que vive Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada (1515-1582), nascida em Ávila e que após 27 anos de vida monástica como carmelita calçada (da Ordem do Carmo da antiga observância) empreende a reforma da Ordem Carmelita, fundando a Ordem das Carmelitas Descalças (OCD), ao lado de Juan de la Cruz.

Teresa de Jesús, conforme escolheu ser chamada após a fundação da OCD, foi uma mística e escritora que, como monja católica e apesar das intensas perseguições que sofreu, deixou uma obra vasta e singular que varia desde tratados de oração e de mística (*Libro de la vida, El castillo interior*), passando por manual de conduta para religiosas (*Camino de perfección*), cartas, poesia, solilóquios místicos (*Exclamaciones*), até a crítica literária irônica e gracejadora como é o caso da carta à qual foi dado o nome de *Vejamen*. Sua obra poética não pode ser conhecida na íntegra, nos dias atuais, já

<sup>2</sup> No Egito ficou conhecida, principalmente, a Escola Osiriana e, na Grécia, as comunidades pitagóricas.

<sup>3</sup> São muitos os textos da mística cristã medieval. Tem-se, no entanto, um destaque para as *Confissões* de Agostinho de Hipona, os escritos de Pseudo-Dionísio, de Tomás de Kempis e os escritos de autoras como Hildegarda de Bingen, Marguerite Porète, Clara de Assis, Juliana de Norwich, entre outras.

Lima, Maria Graciele de  
Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

que seus poemas não receberam a atenção devida dentro do processo de conservação dos seus escritos, pois foram considerados como textos de pouca importância e, ao longo dos anos, foram perdidos, recortados como objetos devocionais e outras formas de dissolução da materialidade dos mesmos.

Atualmente é possível encontrar 33 poemas publicados (algumas edições trazem apenas 32, excluindo *Traspasada*) e, dentre eles, considera-se que alguns são de autoria duvidosa, já que outras monjas com as quais Teresa d'Ávila convivia também compunham versos. Os poemas, geralmente, vêm classificados como líricos, villancicos, festivos e hagiográficos, votivos e/ou didáticos, familiares e os de autenticidade duvidosa. É consenso entre a maioria dos editores das obras teresianas que *Búscate en Mí* se insere no conjunto dos poemas líricos e que sua autoria é atribuída a Teresa d'Ávila, sem qualquer dúvida.

Nesse contexto, considera-se que a obra poética de Teresa d'Ávila se insere em uma produção literária na qual a escritura mística cristã desenvolvida por religiosos (e, especialmente, por religiosas) trazia muitos dos elementos da mística ocidental cristã proveniente da Idade Média. Apesar de, cronologicamente, a obra teresiana estar deslocada do Medievo, por haver sido produzida no século XVI, a maioria dos conceitos e dos recursos textuais que emprega atesta que seus escritos fazem parte de uma rica tradição literária e mística nascida séculos antes do nascimento da autora.

Partindo desse ponto de vista, este trabalho apresenta uma proposta de leitura do poema *Búscate en Mí*<sup>4</sup>, tendo como objetivos apresentar aspectos relacionados à teologia mística, colocando também em questão a necessidade de se inserir a obra teresiana no campo das discussões voltadas aos Estudos Literários. Para tal, a proposta de leitura aqui apresentada considera a possibilidade de um determinado caminho de formação metafórica realizado no poema e que será mostrado adiante, por meio da análise conteudística.

O que o presente artigo propõe dialoga com os apontamentos de Regine Pernoud (1997), Le Goff (2010), Lieve Troch (2013) e William Johnston (1996), além de outros estudiosos. Por meio desse diálogo, coloca-se em evidência uma contextualização mais ampla da poesia de Teresa d'Ávila, bem como possibilidades de leituras dessa poesia que sejam capazes de inseri-la em outras compreensões, para além dos espaços comprometidos exclusivamente com as vivências doutrinárias e religiosas.

---

<sup>4</sup> “Busca-te em Mim” (Todas as traduções deste artigo são de sua autora, com exceção daquelas que constam nos dados bibliográficos, ao final do texto).

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

## 2. Sobre Idade Média e os escritos da mística feminina

Como já foi mencionado, a obra literária de Teresa d'Ávila foi elaborada durante o século XVI e carrega as marcas de seu tempo, bem como das fontes literárias e doutrinárias experimentadas por sua autora. Tais fontes variam desde as novelas de cavalaria até aquelas de profunda consciência mística como o *Terceiro Abecedário Espiritual* de Francisco de Osuna (século XIV) e as *Confissões* de Agostinho de Hipona (século IV), entre outras obras, igualmente significativas. Assim, ao afirmar: “[...] siempre fui amiga de letras [...]”<sup>5</sup> (Jesus, 1974: 37), Teresa d'Ávila atestou seu perene gosto pela matéria com a qual bem trabalhou e que, por meio dela, inscreveu no mundo seu ofício literário, traduzindo ainda uma experiência mística peculiar e marcante.

A fim de compreender a maneira pela qual uma significativa expressão da mística cristã da Idade Média pode ser reconhecida na poética de Teresa d'Ávila, importa reconhecer dois elementos que são a base dos valores cultivados no período em questão. O primeiro deles é a família, segundo atesta Régine Pernoud, quando afirma que “Para compreender bem a sociedade medieval, é necessário estudar a sua organização familiar. Aí se encontra a «chave» da Idade Média e também a sua originalidade. Todas as relações, nessa época se estabelecem sobre a estrutura familiar [...]” (Pernoud, 1997: 14). A partir dessa constatação, torna-se mais compreensível a própria organização das ordens religiosas medievais, bem como dos movimentos de expressão religiosa desligados dos moldes oficiais exigidos para congregações da Igreja romana.

A organização das ordens religiosas, oficiais ou não, tinha como base a estrutura da uma família. Se fosse uma comunidade monástica feminina, a liderança repousava sobre uma “madre” (mãe) ou abadessa. Era importante ainda a presença de um “pai” (pai) que seria o confessor e diretor espiritual do grupo. Se se tratava de uma comunidade monástica feminina, a liderança pertenceria a um abade (pai). Essa organização recebeu variações ao longo dos séculos, modificando e/ou intensificando elementos.

Em se tratando das ordens religiosas femininas, há que mencionar a imensa procura durante o século XIII, o que também se pode verificar durante o século *Siglo de Oro* espanhol. Sobre o século XIII, André Vauchez dedica apontamentos e afirma que, no quesito da devoção feminina, “[...] a figura mais atraente nessa época, como mostram a literatura e a iconografia religiosas, foi a de Maria Madalena [...]” (Vauchez, 1995: 150). Na mística teresiana, o mesmo ocorre. Maria Madalena,

---

<sup>5</sup> “[...] sempre fui amiga das letras [...]”

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

conforme se pode verificar no *Libro de la vida*, é sua devoção e identificação fazendo com que, mais um elemento medieval possa ser encontrado em sua obra<sup>6</sup>.

Até a contemporaneidade, mesmo com certa variação de nomes, as comunidades monásticas ainda se organizam dessa maneira e vale acrescentar que os monges e as monjas da atualidade ainda recebem o título vitalício de “Irmão” ou “Irmã” representando a pertença a uma “família” religiosa, seja de modo restrito (a ordem religiosa em si), seja de modo amplo, quando se considera que dos religiosos possuidores desse título espera-se uma conduta que exemplifique a postura daquela ou daquele que pertence à grande família humana.

Outro valor que, junto à família, constitui-se como a base da sociedade medieval é o da cristandade e esta “[...] pode definir-se como a ‘universidade’ dos príncipes e dos povos cristãos obedecendo a uma mesma doutrina, animados de uma mesma fé, e reconhecendo desde logo o mesmo magistério espiritual” (Pernoud, 1997: 72). Sobre a cristandade, é importante acrescentar que muitas relações políticas foram estabelecidas em seu nome, além da criação de outros valores que ajudaram a definir grande parte da religiosidade ocidental.

Nesse contexto, tanto a família como a cristandade constituem-se uma parte importante dos valores medievais que se refletem na produção dos escritos místicos provenientes da época. Grande parte dessas obras foi deixada por mulheres e oferecem, como se verá adiante, uma espécie de reformulação teológica da ideia de divindade. Autoras como Hildegarda de Bingen (1098-1179), Clara de Assis (1193-1253), Margerite Porète (1248/1250-1310), Juliana de Norwich (1342-1416), Teresa de Cartagena (1425-?), mas também autores como Agostinho de Hipona (354-430), Tomás de Kempis (1380-1471) e Francisco de Osuna (1497-1540), foram capazes de estabelecer uma tradição mística que veio a influenciar muito do que Teresa d'Ávila escreveu.

Especificamente na Espanha, destaca-se a produção da castelhana Teresa de Cartagena, autora de *Arboleda de los enfermos* e *Admiración Operum Dey*, considerada a primeira autora advinda da comunidade autônoma de Castela e Leão, mais especificamente da cidade de Burgos. Sua tônica de escrita, a vida religiosa conventual, bem como o fato de ter vivido no século XV (pouco anterior a Teresa d'Ávila) são elementos que colocam sua produção literária na posição de precursora dos escritos da carmelita de Ávila. Apesar de seus escritos serem em pequena quantidade, em relação à escritora homônima, Teresa de Cartagena inaugurou uma prosa poética de caráter místico que, logo em seguida, será retomada e aprofundada

---

<sup>6</sup> Entre os vários trechos em que a menção a Maria Madalena ocorre, importa este excerto retirado do capítulo 9: “Era yo muy devota de la gloriosa Magdalena y muy muchas veces pensaba en su conversión [...]” (Jesus, 1974: 64). (“Eu era muito devota da gloriosa Madalena e muitas vezes pensava em sua conversão[...].”).

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

por Teresa d'Ávila. Tais afirmações são perceptíveis, por exemplo, quando se compara as obras *Arboleda de los enfermos* (Teresa de Cartagena) com as *Exclamaciones* (Teresa d'Ávila), ambas atravessadas pelo teor agônico da alma desterrada que lamenta sua condição inferior, humana.

Com relação à poesia de Tereza d'Ávila, objeto de atenção deste artigo, é verdade que, nela, podem-se encontrar ecos da tradição poética de *fin'amors* (mesmo que o caso particular de *Búscate en Mí* se enquadre apenas em parte), nascida no século XII e da qual a poetisa carmelita incorporou, em sua escritura, alguns aspectos. Mas é, sobretudo, da chamada mística feminina que provém grande parte do tom empregado em sua obra.

É importante elucidar que “A ‘mística’, tal como é praticada por mulheres, é caracterizada por uma linguagem alegórica, uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade” (Troch, 2013: 3). Essa forma de reconhecer a linguagem da mística desenvolvida por mulheres na Idade Média adequa-se, em muitos aspectos, à linguagem usada no poema *Búscate en Mí*, centro das discussões deste artigo.

É dessa forma que, no texto aqui em destaque, há o encontro entre linguagem mística e linguagem literária e por razão desse encontro, é possível desnudar elementos que transitam entre os dois campos subjetivos, sendo o principal deles, a linguagem metafórica, costurada por antíteses.

Assim, o eu-lírico de *Búscate en Mí*, como será possível perceber adiante, expressa-se por meio da linguagem mística, no que concerne aos jogos linguísticos que apresenta, provocando uma espécie de transgressão (ou “transgressividade”) verbal e estabelecendo a ligação entre os dois referidos campos subjetivos. Isso acontece por meio dos recursos verbais em comum, pois, “Los recursos más claramente expresivos de la transgresividad del lenguaje místico son, sin duda, junto a la ya anotada metáfora, la paradoja y la antítesis.” (Velasco, 2009: 54).

Retomando ainda o contexto de onde provém a mística cristã ocidental, torna-se indispensável reconhecer que a Idade Média é compreendida como um conjunto de valores que, mesmo após a tradicional demarcação de seu término, no século XV, abrange os tempos posteriores, já que se mostra ainda vivo em muitas manifestações culturais. Esse é o caso dos escritos de teor místico cuja representação é evidente na obra de Teresa d'Ávila que, mesmo sem estar inserida, cronologicamente, no medievo, pode ser considerada como portadora de elementos da tradição mística proveniente daquela época.

Lima, Maria Graciele de  
Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Portanto, é correto afirmar que “[...] há uma longa Idade Média que iria até o fim do século XVIII. Pode-se dizer que a Idade Média só teve fim com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial!” (Le Goff, 2010: 29), pois, muitos de seus valores sobreviveram mais tempo do que a historiografia clássica leva em conta. Isso ocorre devido ao fato de que as práticas que se destacam em determinadas épocas não desaparecem bruscamente, como se poderia pensar. A história, na verdade, desenrola-se dentro de uma continuidade em que manifestações culturais vão perdendo a força pouco a pouco a fim de dar espaço a novas manifestações.

É a partir dessa compreensão que se reconhece a continuidade de uma tradição literária de caráter místico que se desenvolve, inclusive, após o século XVI. Além da obra de Teresa d'Ávila, outras produções como a de Maria de la Antigua (1566-1617), Teresa de Lisieux (1873-1897), Faustina Kowalska (1905-1938), entre tantas outras realizadas por religiosas e por seculares, como é o caso de Auta de Souza (1876-1901), continuarão a existir, tecendo fios de sobrevivência na continuação dos séculos.

No que concerne, especificamente, à vida das mulheres do Medievo e sua inserção nas relações sociais, importa destacar que era muito comum o ingresso destas nos conventos ou nas comunidades religiosas não oficiais. Era fundamental que estivessem inseridas no universo de uma família, seja de laços sanguíneos ou espirituais, como era o caso das referidas ordens religiosas e comunidades não oficiais (destaquem-se, dentre as não oficiais, as beguinarias). Muitas delas desejavam espaço e condições para desenvolver o exercício intelectual, muito mais do que aspiravam à ascese espiritual. Declaradamente esse foi o caso de Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695) que deixou isso claro em seu conhecido texto intitulado *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*.

Isto quer dizer que, na longa Idade Média da qual trata Jacques Le Goff, as mulheres “[...] casavam ou tornavam-se freiras. Quem não conseguisse um noivo, terreno ou celestial, não cumpria o seu destino e deste modo perdia qualquer hipótese de aceder a algum prestígio social” (Kessel, 1990: 204). Dessa maneira é que se pode falar do grande afluxo, não somente da entrada de mulheres em conventos e em outros modelos de comunidades religiosas, mas também, da produção literária e mística. Esta última, mesmo em muitos casos não sendo considerada como partícipe do exercício teológico, oferecia e ainda oferece uma forma diversa de se lidar com o divino e, portanto, necessariamente, podem ser tidas como uma forma de expressão teológica.

Assim, ao ler o poema *Búscate en Mí*, escrito por Teresa d'Ávila, as afirmações agora apresentadas ganham mais consistência, pois o referido texto configura-se como um forte exemplo de escrito literário e místico que traz algumas subversões, não somente no campo do trato linguístico, mas também porque evidencia uma

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

relação específica entre o humano e o divino, em que este último se pronuncia, apresentando um discurso que se afasta do corriqueiro e (por que não dizer?) do esperado.

### 3. Da partilha dos corações

O poema que será agora apresentado chama-se *Búscate en Mí* e traz um eu-lírico que representa a fala de uma divindade cristã (Jesus Cristo, o filho? Deus, o pai? Os dois?), dirigindo-se a uma alma humana, que pode ser considerada como uma metáfora representativa de toda a humanidade. A discussão proposta, neste artigo, visa reconhecer elementos da teologia mística, além de traços que remetem à experiência mística do mergulho interior como um exercício de recolhimento e abandono.

O poema é o seguinte:

*Alma, buscarte has en Mí,  
 Y a Mí buscarte has en ti.  
 De tal suerte pudo amor,  
 Alma, en Mí te retratar,  
 Que ningún sabio pintor  
 Supiera con tal primor  
 Tal imagen estampar.  
 Fuiste por amor criada  
 Hermosa, bella, y así  
 En mis entrañas pintada,  
 Si te pierdes, mi amada,  
 Alma, buscarte has en Mí.  
 Que Yo sé que te hallarás  
 En mi pecho retratada  
 Y tan al vivo sacada,  
 Que si te ves te holgarás  
 Viéndote tan bien pintada.  
 Y si acaso no supieres  
 Donde me hallarás a Mí,  
 No andes de aquí para allí,  
 Sino, si hallarme quisieres  
 A Mí, buscarte has en ti.  
 Porque tú eres mi aposento,  
 Eres mi casa y morada,  
 Y así llamo en cualquier tiempo,  
 Si hallo en tu pensamiento  
 Estar la puerta cerrada.  
 Fuera de ti no hay buscarte,*

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Porque para hallarme a Mí,  
 Bastará solo llamarme,  
 Que a ti iré sin tardarme  
 Y a Mí buscarme has en tí.<sup>7</sup>

O texto agora exposto possui 33 versos subdivididos em quintetos. O mote é apresentado na abertura e repetido a cada 10 versos, ou a cada dupla de quintetos. Essa retomada parece martelar uma determinada mensagem, como se verá adiante, encerrando um ciclo de significados e dando sentido circular à ideia geral do texto.

Em primeiro lugar, torna-se indispensável referir-se ao tipo de eu-lírico que atua no poema *Búscate en Mí*. Se o nome do texto apresenta ambiguidade a esse respeito, ao realizar a leitura integral do poema, descobre-se que o mesmo oferece uma particularidade essencial, pois sua voz não representa o aspecto humano, como aparece na maior parte dos textos místicos, mas o divino. É, portanto, o Amado que se expressa e se entrega à alma amante. Trata-se da entrega amorosa do divino à alma humana, dando sentido ao fenômeno cristão, por excelência, ao qual se pode chamar de encarnação.

Numa linguagem carregada de sugestões imagísticas, Teresa d'Ávila representa, por meio do eu-poético do poema aqui em destaque, como se dá a mútua entrega entre alma amante e Amado divino. Assim, a representação deste último inicia sua mensagem orientando a alma a buscar-se no Amado e a buscá-lo dentro dela mesma. Pode-se afirmar que este recorte textual se refere ao que de mais caro encontra-se na mística medieval cristã que é a chamada *Unio Mystica*, isto é, o fenômeno cuja união máxima entre os envolvidos (humano e divino) ocorre a ponto de não mais existir um *tu* e um *eu*, mas uma mesma relação de intimidade profunda. É por isso que a alma, conforme o poema se apresenta, para encontrar-se, deve buscar-se no Amado onde ela já habita e, para encontrar o Amado, deve buscá-lo em si mesma, onde ele já mora.

No trecho, há ainda uma possível alusão às palavras do Cristo, quando proferindo o conhecido Sermão da Montanha: “[...] onde está o teu tesouro aí também estará o teu coração” (Mt 6, 21), isto é, se a alma amante tem no Amado a ‘verdade de seu ser’, é nele onde também fará morada, pois ele também se envolve

---

<sup>7</sup> “Alma, buscar-te-ás em Mim,/ E a Mim buscar-me-ás em ti./De tal maneira pode o amor,/ Alma, em Mim te retratar,/ Que nenhum sábio pintor/ Saberá com tal primor/ Tal imagem estampar./ Foste por amor criada/ Formosa, bela, e assim/ Em minhas entranhas pintada,/ Se te perderes, minha amada,/ Alma, buscar-te-ás em Mim./ Que eu sei que te acharás/ Em meu peito retratada/ E tão ao vivo desenhada,/ Que em te vendo folgarás/ Vendo-te tão bem pintada./ E se acaso no souberes/ Onde me acharás a Mim,/ Não andes de aqui para ali,/ Mas, se achar-me quiseres/ A Mim, buscar-me-ás em ti./ Porque tu es o meu aposento,/ Es minha casa e morada,/ E assim chamo en qualquer tempo,/ Se encontro em teu pensamento/ A porta fechada./ Fora de ti não me buscarás,/ Porque para achar-me,/ Bastará somente chamar-me,/ Que a ti virei sem tardar-me/ E a Mim, buscar-me-ás em ti.”

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

nas ânsias humanas, aspirando pelo encontro e pela união entre as duas partes, o que deixará de ser duas para tornar-se uma unidade (*Unio Mystica*).

Os versos de 3 a 12, que encerram o primeiro ciclo formado por dois quintetos mais a repetição do mote, desenvolvem uma fala que soa como a revelação da origem (criação) e natureza da alma. Segundo os mesmos versos, esta é de origem divinal, criada por amor, dotada de beleza e desenhada no íntimo daquele que fala, ou seja, nas entranhas do próprio Criador. Assim, tanto a origem quanto a 'pintura' da alma, de acordo com o poema, são obras divinais, de maneira que nenhum pintor humano possuiria engenho capaz de repetir o teor dessa imagem. Esse par de quintetos é encerrado com o mote, "*Alma, buscarte has en Mí*" que responde ao verso "Si te pierdes, mi amada", sugerindo que a alma poderia se perder de sua origem, afastar-se de seu criador, mas pode reencontrar-se se a ele retornar.

Assim, é possível afirmar que as construções metafóricas desenvolvidas em *Búscate en Mí* apresentam-se em um microcosmo (relação entre a alma humana e um ente divino), mas representam possibilidades de um macrocosmo (relação entre a humanidade e o deus cristão). Vale ressaltar que, no caso do referido poema, a divindade representada tanto pode ser o Cristo (o filho), quanto pode ser o deus Criador, o Pai (assim nomeado tradicionalmente, mas passível de revisão conceitual). Considere-se, nesse quesito, que a cristandade medieval desenvolvida no seio dos dogmas da Igreja Católica romana adotou o pensamento da santíssima trindade, em que dela participam três entes divinos e estes podem fundir-se em um só.

Quanto ao segundo grupo de quintetos do poema em análise, os versos continuam falando sobre a pintura representativa da alma humana que se encontra nas entranhas divinais e, ao mesmo tempo, continua alertando sobre a possibilidade de a alma se perder de sua origem para ainda reforçar a orientação de como ela pode retornar a si mesma. Tal retorno é, portanto, de via dupla, já que ao encontrar-se, descobre-se também o Amado, habitante de seu próprio íntimo.

Já o terceiro grupo de quintetos constitui-se como a parte final do poema e deixa ecoar a mensagem que encerra toda a concepção de união mística veiculada no texto, segundo a qual, a alma pode recorrer ao Amado divino que habita dentro dela mesma e atende, prontamente, aos seus chamados. A alma é, portanto, aposento e morada para a divindade e a ela tem acesso a qualquer tempo, mesmo quando os pensamentos humanos fecham a porta para o divino. Diz ainda que basta um chamado e virá, sem tardar, atender à amada que solicita a presença sublime.

É interessante notar os recursos de produção imagística adotados na composição do poema. Assim, a metáfora da pintura é usada para representar o fato de que o humano se encontra gravado no íntimo de seu criador e Amado. Nesse

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

contexto, importa elucidar o sentido de palavras tais como 'aposento' e 'morada', pois a primeira remete à ideia de recolhimento e a segunda pode se referir à habitação, num sentido mais geral e, portanto, *Búscate en Mí* traz, no fechamento de seu corpo estrófico, uma figuração que merece destaque e que pode ser vista à luz da chamada teologia mística.

A autora do texto, aqui em destaque, era afeiçãoada às letras e, dentre seus gostos, estava o *Tercer Abecedario Espiritual* escrito por Francisco de Osuna (religioso espanhol da Ordem dos Frades Menores) e que trata das formas de recolhimento para a prática da oração. Escreveu Teresa d'Ávila, a respeito da obra, no *Libro de la Vida* que *O Tercer Abecedario* “[...] trata de enseñar oración de recogimiento; y puesto que este primer año había leído buenos libros (que no quise más usar de otros [...])”<sup>8</sup> (Jesus, 1974: 35). O trecho do capítulo 6 da autobiografia teresiana diz, adiante, que a partir da leitura da obra de Osuna, muitas coisas boas foram dadas, por seu Deus, à carmelita.

Importa citar a referida leitura na vida de Teresa d'Ávila com o objetivo de estabelecer pontos de ligação entre suas experiências de formação teológica e mística com a produção de sua obra. Nesse sentido, por meio de uma leitura mais atenta, fica evidente que *Búscate en Mí* carrega expressivos elementos próprios da teologia mística. Tais elementos referem-se mais especificamente ao que esse ramo da teologia e da mística carrega em relação ao recolhimento para autodescoberta e, dessa maneira, encontro com o ilimitado.

Nesse contexto, faz-se indispensável levar em conta as discussões propostas na obra *Mystical Theology* (1996), de William Johnston, quando apresenta o pensamento que rege este ramo da experiência religiosa, colocando em destaque uma espécie de *insight* vivido por Dionísio Cartuxo quando teve necessidade de orientar seu discípulo Timóteo por meio de exercícios espirituais. Durante esse trabalho, Dionísio encaminhou-o no percurso religioso “[...] telling him how to enter the silence, the void, the nothingness, the emptiness.” (Johnston, 1996: 36) e, desta maneira, levando-o a imitar Moisés que subiu à montanha buscando Deus, ao menos experimentando o lugar onde Deus habita: o alto. Evidentemente, encontra-se nessa afirmação, mais uma metáfora, pois “alto” não é uma atribuição topológica ordinária, mas reflete uma condição de experiência espiritual capaz de levar o/a praticante a vivências interiores não corriqueiras e, portanto, mais elevadas.

Ao falar sobre o recolhimento e o esvaziamento de si, Dionísio motivou o nascimento da chamada “teologia da negação” ou “teologia mística” e, em Teresa d'Ávila e Juan de la Cruz, segundo os estudos do já mencionado teólogo irlandês

---

<sup>8</sup> “[...] trata de ensinar oração de recolhimento; e já que neste primeiro ano havia lido bons livros (que não quis mais usar de outros [...])”

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

William Johnston, é possível encontrar uma prática ascética, bem como um encaminhamento significativo ao percurso advindo das experiências de Dionísio<sup>9</sup>.

Uma leitura mais ampla dos escritos de Teresa d'Ávila leva a encontrar no todo de sua obra essa mesma ideia de encontro de si mesmo e, ao mesmo tempo, de descoberta do divino por meio da busca do recolhimento. É essa a ideia central da sua obra mais conhecida: *El castillo interior* (O castelo interior), bem como do seu tratado de oração inserido na sua autobiografia, o *Libro de la vida* (Livro da vida).

É importante lembrar ainda a respeito do que diz Johnston sobre a contribuição teresiana à teologia mística: “Yet without any doubt her great and unique contribution to mystical theology is found in her teaching on the Incarnation” (Johnston, 1996: 93) e, embora o contexto dessa fala estivesse direcionado à obra *El castillo interior*, adequa-se ao presente contexto em relação ao pensamento expresso no poema *Búscate en Mí*, como será possível constatar.

O poema oferece uma característica importante e que traz à tona quase uma teatralidade na voz pela qual se expressa. Semelhante ao *Espelho das Almas Simples e Aniquiladas* de Marguerite Porète, o texto de Teresa d'Ávila aqui em discussão oferece lugar a uma fala que, comumente, habita o campo do místico: a voz divina. Daí, inclusive, o termo “mística” que se relaciona com o conceito de mistério e de silêncio (o que deve ser revelado com parcimônia e sob determinadas condições).

Ao trazer à luz essa teatralidade do discurso, semelhante ao texto de Porète, o poema apresenta uma espécie de ponte que se liga ao modo de escrita próprio da mística medieval feminina cultivada pela beguina citada. Mas, não apenas a teatralidade, a presença do amor cortês é uma forte característica, quando se considera o jogo afetivo e poético que se estabelece entre a alma humana e seu amado divino.

Entretanto, a impregnação afetiva típica da linguagem mística torna-se muito mais intensa devido ao fato de ser, justamente, a voz divina a mostrar-se em *Búscate en Mí*. Por meio de tal recurso, desenvolvem-se várias construções imaginativas, para além das figurações expressas como ‘pintura’, ‘aposento’, ‘morada’, entre outras,

---

<sup>9</sup> William Johnston se refere, em seu texto usado neste artigo, ao conteúdo presente no conjunto de obras conhecido como *Corpus Dionisiacum* ou *Areopagiticum*, atribuídas a Pseudo Dionísio, contemporâneo de Paulo de Tarso. No entanto, conforme o texto da introdução às *Obras Completas* de Pseudo Dionísio Areopagita consultadas para este artigo, chegou-se à conclusão de que o verdadeiro autor do *Corpus Dionisiacum* usou um pseudônimo e se tratava, na verdade, de um monge que viveu entre os séculos V e VI d. C. Independentemente da autoria real desses textos, que incluem *A teologia mística*, é fato que os mesmos influenciaram a mística medieval e a que forneceu base para toda a espiritualidade carmelita descalça desenvolvida nas obras da fundadora (da Ordem das Carmelitas Descalças - OCD) Teresa d'Ávila, ao lado de Juan de la Cruz, também fundador.

Lima, Maria Graciele de  
Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

pois o que é mais intenso é a possibilidade de imaginar o Amado declarando-se à alma amante e chamando-a de “mi amada”, como acontece no verso 11.

No que se refere ao pensamento norteador da teologia mística, fica evidente que *Búscate en Mí* configura-se como um direcionamento à interiorização, ao recolhimento, assim como a orientação de Dionísio Cartuxo, ou Osuna e, especialmente, como aparece em toda a obra de Teresa d'Ávila e de Juan de la Cruz, seu colaborador na reforma da Ordem dos Carmelitas.

Mais ainda, ao dirigir-se à alma amada, o divino mostra-se capaz de descer à condição humana e estabelecer, com a humanidade, uma ligação amorosa traduzida na metáfora da habitação e até mesmo da proximidade de almas por meio do chamamento que pode ser atendido imediatamente.

Ao subverter posições costumeiras das falas expressas na poesia de caráter místico, o poema de Teresa d'Ávila faz uma alusão ao mistério fundador da cristandade: a encarnação. Por meio desta, o Cristo também desceu à humanidade a fim de oferecer-se para e por ela, realizando uma obra prática semelhante ao que realiza nos dizeres de *Búscate en Mí*. Que é toda a orientação da mística cristã ocidental proveniente da Idade Média senão a de que mora em cada um o divino, ao mesmo tempo em que o humano é profundamente amado por seu Deus?

Por causa dessa forma de conceber a relação entre a humanidade e a divindade cristã é que surge a oração como diálogo de interiorização e que é capaz de levar à união mística (*Unio Mystica*), já que, entrando em si, chega-se à montanha (ou ao abismo) onde mora Deus. Nesse caso, depara-se outra vez com paradoxos basilares da teologia mística: o abismo de si é também a montanha onde se encontra Deus porque o humano tem, em seu interior, a chave da divindade.

Com relação à ideia de abandono, o poema de Teresa d'Ávila do qual se ocupa este artigo fala sobre o ‘reencontrar-se’, indiretamente, por meio dos versos “Si te pierdes, mi amada, / *Alma, buscarte has en Mí.*”, como uma forma de reconhecer que a humanidade é passível de se desprender da sua essência divina. Nesse contexto, o fato de buscar-se em Deus refere-se à atitude de desprender-se das outras coisas, de abandonar-se, entregando-se à experiência de interiorização.

Em outros trechos do poema, a mesma ideia aparece em “No andes de aquí para allí, / Sino, si hallarme quisieres / *A Mí, buscarme has en ti.*” ou em “Fuera de ti no hay buscarme, / Porque para hallarme a Mí, / Bastará solo llamarme”, reforçando o direcionamento dionisíaco de entregar-se ao recolhimento, ao esvaziamento do que pertence ao universo de ‘fora de si’.

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Há ainda, em *Búscate en Mí*, uma orientação expressa de como não se perder do Amado: pelo chamamento, isto é, por meio da oração. É desta maneira que o referido poema dialoga com a teologia mística e sua concepção de abandono e de recolhimento. É desta forma ainda que o mesmo poema apresenta-se como uma expressão das concepções mais caras à sua autora, leitora de Francisco de Osuna e autora de *El castillo interior* onde desenvolve a ideia de que a alma humana é como um castelo possuidor de sete moradas circulares em cujo centro está o próprio Deus e cuja porta de entrada é a oração<sup>10</sup>.

Também é de caráter circular a estrutura do poema pelo fato de apresentar um refrão que martela a mesma ideia (*Alma, buscarte has en Mí, / Y a Mí buscarte has en ti.*), como se, metaforicamente, o eu-lírico andasse por caminhos diversos, mas que passam pelo mesmo ponto ou por um ponto similar. Há, nesse sentido, um quê de retorno à ideia principal e esta vai ao encontro da metáfora da pintura (da alma) que se encontra no interior do Amado, na medida em que uma pintura é uma imagem capaz de viabilizar um tipo de permanência.

Se tal permanência é sugerida pela imagem da alma pintada no peito e nas entranhas do Amado, o fato de a alma se configurar como aposento e morada do divino, também leva a outro aspecto da ideia de permanência, pois, se há morada e descanso, há um *ficar*, um *permanecer*.

Considerando essas possibilidades interpretativas, o poema *Búscate en Mí*, assim como acontece com quase toda a obra de Teresa d'Ávila, possui um apelo à *Unio Mystica*, uma representação da busca humana pela união com o Absoluto, por mais que essa possibilidade habite unicamente o campo das aspirações.

Nesse sentido, o poema aqui em destaque forma um claro exemplo de obra que junta escolhas estéticas (arte literária) com uma expressividade própria do universo da mística cristã ocidental e, como foi discutido anteriormente, o nascedouro de tal campo do conhecimento encontra-se na Idade Média.

#### 4. Considerações finais

Por tudo o que foi discutido, torna-se claro o fato de que *Búscate en Mí* pode ser considerado, em primeiro lugar, como um poema de amor, pois o encontro representado na obra é um encontro amoroso (e erótico), no sentido mais amplo dessas expressões. Nele, percebem-se evidentes marcas do discurso referente a

---

<sup>10</sup> “[...] la puerta para entrar en este castillo es la oración y consideración” (Jesus, 1974: 366) (“[...] a porta para entrar neste castelo é a oração e consideração”).

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

experiências relacionadas ao terreno da teologia mística e, portanto, expressam movimentos subjetivos relacionados às lacunas da interioridade humana e a consequente busca de plenitude. Como afirma Georges Bataille, sobre o erotismo, “O sentido último do erotismo é a fusão, a supressão do limite” (Bataille, 2004: 202), o que o aproxima da *Unio Mystica*, quando não mais existe um *eu* e um *tu*, mas a intimidade, a unidade. Seguindo o poema teresiano, tal fenômeno é sugerido justamente quando a alma busca seu Amado dentro de si mesma e o encontra para, em seguida, no Amado encontrar a imagem dela mesma, indelevelmente gravada.

Também é possível afirmar que, por meio do reconhecimento de algumas características da linguagem mística (cristã medieval), desvela-se o ponto em que essa linguagem se entrelaça com a linguagem literária, já que ambas utilizam recursos textuais carregados de poeticidade. Acrescente-se apenas o fato de que, sendo linguagem literária, apesar de se ligar claramente aos conceitos da mística, diferencia-se dos tratados e dos textos apologéticos pelo fato de não ter como centro a argumentação sobre uma teoria, a defesa de um determinado conhecimento, mas caminhar com a liberdade própria da linguagem artística.

Uma das principais características que se apresentam em *Búscate en Mí* é a do amor cortês e a linguagem carregada de impregnação afetiva, típica dos textos da mística feminina medieval. Tais elementos formam uma espécie de teatralidade presente na linguagem, lembrando *O espelho das almas simples e aniquiladas*, da beguina Margerite Porète.

Evidentemente, a proposta de leitura apresentada neste artigo não é capaz de abarcar todos os pontos que merecem visibilidade e consideração, mas, traz à luz parte do que se apresenta como indispensável de ser percebido, isto é, o fato de que a poética teresiana carrega muitas nuances próprias das obras literárias, cuja originalidade é inegável e merece, cada vez mais, ser estudada e reconhecida pela crítica especializada.

## Referências

### Fontes

Agostinho, S. (2011). *Confissões*. [Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante]. 6. Ed. São Paulo: Paulus.

Areopagita, Pseudo Dionísio. (2014). *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

*Bíblia De Jerusalém* (2012). São Paulo: Paulus.

Lima, Maria Graciele de  
 Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Cartagena, Teresa de. (1967) *Arboleda de los enfermos*. Disponível em: <<http://www.bieses.net/teresa-de-cartagena-arboleda-de-los-enfermos/>>. Acesso em 26 fev. 2018.

Jesus, Santa Teresa de. (1974) *Libro de la vida*. In: \_\_\_\_\_ *Obras Completas*. 4. ed. Madrid: La Editorial Católica.

Osuna, Francisco de. (2011). *Tercer Abecedario Espiritual*. São Paulo: Cultor de Livros.

Porete, Marguerite. (2008). *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. [Tradução de Sílvia Schwartz]. Petrópolis: Editora Vozes.

## Bibliografia

Bataille, G. (2004). *O erotismo*. [Tradução de Cláudia Fares]. São Paulo: ARX.

Épiney-Burgard, G. Zum Brunn, É. (2007). *Mujeres Trovadoras de Dios*. 1ª ed. Barcelona: Bolsillo Paidós.

Ferin, M. (2005). “A voz de Antónia Margarida Castelo Branco”. In: *Literatura de conventos: autoria feminina. História e Antologia da Literatura Portuguesa: Século XVII*, Lisboa, 32, p. 34-36.

Johnston, W. (1996). *Mystical Theology: the Science of love*. 2. ed. London: Harper Collins Publishers.

Kessel, E. S. van. (1990). Virgens e mães entre o céu e a terra: As cristãs no início da Idade Moderna. In: Duby, Georges; Perrot, Michelle. (org.) *História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna*. (pp. 181-227) 507 ed. Porto: Edições Afrontamento.

Le Goff, J. (2010). *Uma longa Idade Média*. [Tradução de Marcos de Castro]. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ordem Dos Carmelitas Descalços. *Fundamentos, governo e presença no mundo*. Disponível em: <<http://www.carmelo.com.br/default.asp?pag=p000045>> Acesso em: 16 out. 2011.

Pernoud, R. (1997). *Luç sobre a Idade Média*. [Tradução de António Manuel de Almeida Gonçalves]. Portugal. Publicações Europa-América.

Lima, Maria Graciele de  
Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema *Búscate en Mí* de Teresa d'Ávila  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Régnier-Bohler, D. (1990). Vozes literárias, vozes místicas. In: Duby, Georges; Perrot, Michelle. (org) *História das Mulheres: a Idade Média*. (pp. 517-591). 476 ed. Porto: Edições Afrontamento.

Troch, L. (2013). “Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais.” In: **Revista Graphos**. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. João Pessoa, 1, p. 1-12.

Vauchez, A (1995). *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. [Tradução de Lucy Magalhães]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Velasco, J. M. (2009). *El fenómeno místico: estudio comparado*. 3. Ed. Madrid: Editorial Trotta.

Vidal, M. (2010). Los espacios en la obra de Teresa de Cartagena. *IX Congreso Argentino de Hispanistas*: (La Plata, 27-30 de abril 2010). Memoria Académica. Disponível em: <[http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.1182/ev.1182.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1182/ev.1182.pdf)>. Acesso em 26 fev. 2018.

**Recebido:** 10 de dezembro de 2017

**Aprovado:** 16 de fevereiro de 2018